

**O SOCIALISMO DOS MODERNOS  
E O SOCIALISMO DOS ANTIGOS**  
**A INCORPORAÇÃO DO VOCABULÁRIO IDEOLÓGICO DA  
II INTERNACIONAL PELO MOVIMENTO SOCIALISTA  
BRASILEIRO\***

**MARCOS VINÍCIUS PANSARDI\*\***

A II Internacional Socialista surgiu no ano de 1889, portanto, no mesmo ano da Proclamação da República no Brasil. Estimulados diretamente por esse último fato, radicais republicanos e operários fundam os primeiros partidos operários de que se tem notícia no Brasil. Contudo, o vocabulário ideológico destes primeiros partidos, auto-intitulados socialistas, não está em sintonia histórica com aquele difundido pela Internacional Socialista. Seu socialismo não está sob a influência de Marx ou do Partido Social-Democrata Alemão, estando muito mais aparentados das idéias veiculadas pelos socialistas utópicos, como Saint-Simon, Owen etc.<sup>1</sup>

Assim, é pouco provável que ainda no Império os nossos

---

\* Este artigo é parte modificada de "Socialismo à Brasileira? Marxismo, Darwinismo e o Ecletismo Socialista no Brasil do final do século XIX", in: *Republicanos e Operários: Os Primeiros Anos do Movimento Socialista no Brasil (1889-1903)*, Dissertação de Mestrado em Ciência Política, UNICAMP, 1993.

\*\* Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas.

<sup>1</sup> Sobre estes primeiros grupos socialistas do Rio de Janeiro, fundados em 1890, veja-se os capítulos 2, 3 e 4 de minha dissertação de mestrado já citada.

socialistas já tivessem se desligado do velho vocabulário fourierista para se inspirarem nas idéias da vanguarda do movimento socialista internacional, representada pelo partido socialista alemão, como defende Evaldo da Silva Garcia<sup>2</sup>. Os jornais auto-intitulados socialistas surgidos em 1878 - *O Internacional Socialista*, de Salvador; *O Socialista*, do Rio de Janeiro; e o *Tribuna Socialista*, de Pelotas - demonstram o crescimento quantitativo de uma incipiente imprensa radical em nosso país; contudo o salto qualitativo só poderia ser visto cerca de quinze anos depois.

É só no final do século XIX que o léxico socialista atinge um outro patamar. Com a publicação dos jornais *O Socialista* (1896), em São Paulo, e *A Questão Social* (1895), em Santos, os grupos socialistas ligados a estes jornais passam a receber a influência de Marx e da social-democracia alemã, e se inserem não apenas cronologicamente, mas ideologicamente sob a influência da Internacional Socialista. Na década de 90 do século XIX, período em que surgem as primeiras tentativas de se construir um movimento socialista no Brasil, o socialismo a nível internacional vive uma verdadeira revolução: é o período em que as concepções de Marx e Engels assumem progressivamente a hegemonia ideológica do movimento. No Brasil, o socialismo que brota com o início da República, tem como marca ideológica característica a inserção neste período de transição dentro das hostes socialistas.

Após um primeiro período, entre 1889 a 1893, em que, como vimos anteriormente, o ideal socialista mostrava ainda uma forte concepção utópica, o surgimento de novos grupos, principalmente no Estado de São Paulo, demonstra uma rápida caminhada de nossos

<sup>2</sup> Evaldo da Silva Garcia, "A imprensa operária e socialista brasileira no século XIX", *Revista Estudos Sociais*, Rio de Janeiro, n<sup>o</sup> 19, fev.1964, p.270.

socialistas para o vocabulário ideológico determinado pela hegemonia da II Internacional.

Este movimento socialista, que surge em São Paulo em 1895, já surge sobre uma experiência não desprezível no campo das lutas sociais, e que vai compor uma militância com características diferenciadas da experiência anterior, dada pela inserção de grupos de trabalhadores que carregam uma experiência de luta radicalmente diferente de seus companheiros cariocas: os imigrantes.

O movimento socialista paulista nasce já sobre um pequeno acúmulo de experiência operária, que floresceu nos primórdios da República - como o Partido Operário de São Paulo -, como também das lutas pela Abolição e a República. E, também, já nasce sob a influência da literatura mais atual que se produzia na Europa, difundida principalmente pela dissidência republicana de classe média que compunha uma parte da militância socialista do período.

A vinda de militantes da vanguarda do movimento socialista internacional para nossas terras - por exemplo os socialistas da *Allgemeiner Arbeiterverein*, com profundas ligações com a social-democracia alemã, também contribuiu para colocar o nosso movimento em sintonia com o socialismo europeu.

A indicação da literatura disponível nas bibliotecas dos Centros Socialistas de São Paulo demonstra que era colocado à disposição da militância o que de melhor se produzia no movimento socialista internacional.

Só a título de exemplo, o Centro Socialista de Santos recomenda os seguintes títulos constantes em sua biblioteca<sup>3</sup>: Marx: *Le Capital*; Engels: *Socialisme Utopique et Socialisme Scientifique*; Blanqui: *Critique Sociale*; Benoit Malon: *Le Socialisme Integral*; Lundis

<sup>3</sup> *A Questão Social*, 15 de outubro de 1895.

*Socialistes; Economie Sociale; Socialisme Reformiste*; Magalhães Lima: *La Federación Iberique; O Livro da Paz; Socialismo na Europa; O 1º de Maio; Pela Pátria e pela República; Discursos*; Kropotkine: *La Conquete du Pain; Paroles à un Revolté*; Bakounine: *Oeuvres*; Schaeffle: *La Quintessence du Socialisme*; Lombroso: *Gli Anarchi*; Bellamy: *Daqui a Cem Anos*; Durkheim: *Du la Division du Travail Social*; Cezar de Paepe: *Le Collectivisme*; etc. Como pode-se notar uma literatura quase toda em francês.<sup>4</sup>

Já no Centro Socialista de São Paulo temos, por exemplo, os seguintes títulos: Marx: *O Capital; Miséria da Filosofia; Manifesto Comunista; Capital e Salário; Guerra Civil na França; Discurso sobre o Livre Câmbio*; Engels: *Socialismo Utópico e Socialismo Científico; A Economia Política; A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado; A Evolução da Revolução*; Lassalle: *Capital e Trabalho*; Bebel: *A Mulher e o Socialismo*; Ferri: *Socialismo e Ciência Positiva; Discórdia Positiva sobre o Socialismo (Ferri contra Galofaro)*; Turati: *Revolta e Revolução; A Moderna Luta de Classes; O Dever de Resistência; As Oito Horas de Trabalho*; Guesde: *A Lei dos Salários e suas Conseqüências; O Coletivismo; Coletivismo e Revolução*; Lafargue: *O Materialismo Econômico de Marx; A Autonomia e a Jornada Legal de 8 horas; O Direito à Preguiça*; Deville: *Estudo Sobre o Socialismo Científico; Resumo do "Capital" de Karl Marx; A Greve Geral; O Anarquismo*; Plechanow: *Anarquismo e Socialismo*; entre

<sup>4</sup> A Biblioteca do Centro Socialista de Santos, na realidade é, pelo menos em sua grande maioria, a biblioteca de Silvério Fontes e encontra-se conservada na Sociedade Humanitária dos Empregados do Comércio, em Santos, com um acervo precioso de algumas centenas de volumes, sendo uma grande parte deles literatura socialista do século passado. Também faz parte do acervo a biblioteca de seu filho, o também médico e poeta Martins Fontes. Esta biblioteca é praticamente desconhecida pelos pesquisadores e é uma fonte de material sobre o movimento social do século passado única em seu gênero no Brasil, e quiçá uma das únicas no mundo.

outras.<sup>5</sup>

A informação sobre o movimento socialista internacional provinha também da troca de periódicos com vários jornais socialistas do estrangeiro. O Centro Socialista de São Paulo, por exemplo, informa dispor para consulta os seguintes periódicos: *EL Socialista*, de Madrid; *L' Avvenire*, de Buenos Aires; *Les Temps Nouveaux*, de Paris; *A Federação*, de Lisboa; *Era Nuova*, de Gênova; *El Mecanico*, de Buenos Aires; *A Obra*, de Lisboa; *Der Zeitgeist*, da Austria-Hungria; *Postillon*, da Alemanha, etc.<sup>6</sup>

Assim, não nos surpreendemos que as características ideológicas deste seu socialismo seja a do ecletismo<sup>7</sup>, que também imperava no seio da Internacional Socialista neste período.

Nossos socialistas estão inseridos na vanguarda do movimento socialista mundial, o seu socialismo é "científico" e acompanha os ditames da Internacional Socialista, mas, também, estão inseridos no turbilhão da modernidade cultural do século XIX. Defendem a igualdade entre os gêneros, o divórcio, a união livre, a laicização do mundo, a democracia, a racionalização da sociedade, a ciência, a civilização e todas as conquistas dadas pela evolução social.

<sup>5</sup> *O Socialista* (SP), 25 de outubro de 1896.

<sup>6</sup> *O Socialista* (SP), 16 de agosto de 1896.

<sup>7</sup> É neste contexto que poderíamos entender o socialismo, que se forma nestes anos, como um socialismo eclético - ou seja, como um socialismo que constrói seu aparato teórico e seu discurso com uma ampla gama de autores de diferentes origens teóricas e políticas, e que não tem como centro a teoria de nenhum autor em especial, um socialismo que não é marxista, proudhoniano, lassaleano, maloniano, ou outro qualquer - onde muitas vezes temos dificuldades de separar as várias ideologias socialistas entre si. O socialismo eclético é, em realidade, aquele que domina entre os militantes socialistas do final do século, e mesmo entre os primeiros anos do século XX. Ver artigo de Franco Andreucci, "A difusão e a vulgarização do marxismo", in: Eric Hobsbawm, *História do Marxismo*, vol. 1, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

Darwinistas, por acreditar na evolução natural da sociedade no caminho da justiça e do bem-estar; positivistas, por acreditar, como Comte, na superação da religião e do militarismo pela ciência e a industrialização; organicistas, como Spencer, por acreditar no altruismo-coletivismo ao invés do individualismo e da competição - ou seja, na sua visão da sociedade com um organismo onde a colaboração entre as partes forma o todo.

Um anti-liberalismo, em versão conservadora ou progressista, banhava o pensamento reformista deste final de século; o interessante é notar que, tanto em sua versão progressista, quanto conservadora, os três autores acima citados têm um lugar garantido no Panteão dos Heróis; seja para combater a burguesia, ou adorar a mesma, seja para combater o *Ancien Régime* ou o capitalismo, seja para glorificar a livre concorrência, seja para justificar o coletivismo.<sup>8</sup>

Contudo, a leitura socialista de Spencer, Comte e Darwin ressalta os aspectos mais revolucionários destes autores: a crítica ao absolutismo, a crítica ao individualismo, a visão laica da sociedade (e, mais do que isto, a visão materialista da sociedade), a teoria da evolução inabalável da civilização no rumo de uma sociedade mais justa. Sem dúvida os socialistas levaram as teorias evolucionistas, positivistas e

<sup>8</sup> Bulferetti, no seu clássico *Le Ideologie Socialistiche in Italia - Nel Età del Positivismo Evoluzionistico (1870-1892)*, Firenze, Felice Le Monnier, 1951, pp. 54-57, procura compreender a difusão das idéias socialistas na Itália e sua ligação com o pensamento positivista e evolucionista. Destaca a grande penetração destas duas correntes de pensamento tanto no ideal socialista quanto no conservador. Justifica assim sua popularidade nos meios burgueses: Comte era bem visto porque sua teoria divinizava o fato concreto, que aplicava à história a teoria de uma evolução progressiva, gradual e contínua, uma teoria anti-reacionista e anti-revolucionária, uma teoria que excluía a Divina providência e a revolução dos fatos históricos. Darwin justificava sua popularidade entre a burguesia pois dava ares científicos ao seu domínio. Afinal, os mais fortes, isto é, os mais ricos, eliminam os fracos, isto é, os pobres; e justifica a ação das grandes potências imperialistas sobre o globo, os povos mais evoluídos prevalecendo sobre os menos evoluídos.

organicistas onde os próprios autores nunca teriam coragem de levar: à justificação do socialismo como evolução natural da sociedade!

Fundados no domínio da razão e da ciência, nossos socialistas reivindicavam a legitimidade de suas críticas. Não podendo se apoiar nas vitórias de um movimento social poderoso, nossos socialistas se apoiavam na ciência para justificar seu direito à existência. Sem poder contar com a força do proletariado para empurrar suas reivindicações, a idéia de uma evolução gradual e inevitável rumo ao socialismo, independente das resistências iniciais do proletariado ou da insensibilidade da burguesia, criava um alicerce sólido para seu movimento.<sup>9</sup>

Assim que a modernidade se instaura no Brasil em 1889, os socialistas iluminados pelas luzes do progresso e da civilização saúdam a queda do *Ancien Régime*, a vitória da República Política, já antevendo no horizonte o surgimento da República Social, resposta natural à decrepitude precoce de nosso capitalismo.

Chegariam a esta conclusão apoiados nas teorias de Marx, de Malon, mas também de Comte, Darwin e Spencer.

Acompanhemos a visão de mundo de nossos socialistas sobre a sociedade e compreendamos um pouco mais o ecletismo socialista do final do século XIX. Vejamos primeiro a visão organicista de sociedade de nossos socialistas, reflexo óbvio das teorias de Spencer:

"1 - A sociedade é um organismo 'semelhante' aos organismos

<sup>9</sup> Apoio-me na citação de Gramsci que explicou o predomínio do determinismo mecanicista no movimento operário deste período devido ao seu "aroma ideológico imediato": "Quando não se tem a iniciativa da luta e a própria luta acaba por identificar-se com uma série de derrotas, o determinismo mecanicista se torna uma força formidável de resistência moral, de coesão, de paciente e obstinada perseverança. Fui momentaneamente derrotado, mas a força das coisas trabalha a meu favor, a longo prazo, etc." A vontade real se reveste num ato de fé, numa certa racionalidade da história". (A. Gramsci, *Quaderni del Carcere*, apud: F. Andreucci, *op.cit.*, p.23).

animais pela existência de uma divisão do trabalho fisiológica, do progresso orgânico, da cooperação das partes componentes para um fim comum e de uma consciência (...). 2 - Perfeita simpatia fisiológica em suas diferentes partes que, todas participam integralmente da natureza do todo, e, pois, 3 - Modificações quaisquer em cima das partes acarretam modificações mais ou menos superiores em todas as outras (...) Há porém uma divisão natural, embora superficialíssima, que é indispensável nos estudos sociais. É a divisão dos fenômenos sociais em 3 ordens: a) economia, b) política, c) moral."<sup>10</sup>

Essa visão organicista justifica uma sociedade em que a cooperação, e não a competição, a ação coletiva, e não o individualismo, seriam a base das relações sociais e produtivas. Contudo, é na sua concepção de mudança social que a pretensão socialista de encarnar o progresso se justifica:

"(...) A teoria do socialismo é a evolução. Evolução quer dizer o movimento natural e fatal, executado segundo uma lei do universo (a idéia de lei, quando se trata de 'sociedade', é a mesma que formamos quando consideramos outros fenômenos naturais [...]) As formas sociais são essencialmente instáveis, não se podem evitar suas transformações (...). Ora, o estudo dessas modificações nas relações sociais, é o que constitui o socialismo. Portanto, o socialismo se impõe a todas as pessoas razoáveis como uma consequência inevitável da lei da evolução. Evolução quer dizer educação, civilização (...), ciência, belas artes e a indústria (...) o estado de organização é essencialmente dependente da civilização (...) 'as forças sociais preponderantes terminam necessariamente por se tornarem-se dirigentes' ('Política Positiva', August Comte). Do estudo das leis naturais que regem a sociedade, do estudo da evolução social, se deduz que o sistema social que até agora tem predominado, mas vai sendo pouco a pouco substituído, é o 'sistema militar-teológico'. Trata-se, pois, de substituir este sistema pelo 'científico-

<sup>10</sup> *O Socialista* (SP), 16 de agosto de 1896.

industrial' (...). Defendido na Alemanha por Karl Marx (coletivismo marxista), na França, por Benoit Malon (coletivismo reformista) (...)."<sup>11</sup>

Uma característica básica do ecletismo socialista é a concepção rigidamente etapista de desenvolvimento social. Assim, aceita-se acriticamente que a sucessão dos modos de produção de Marx seja semelhante à sucessão dos sistemas sociais de Comte. Outro ponto essencial de sua teoria da mudança social é a prioridade total para o conceito de evolução, que chega a ser sinônimo de socialismo, que por sua vez é sinônimo de ciência, o que leva a uma equação reducionista que diz: ciência = evolução = socialismo.

Assim, o socialismo perde todo seu caráter político e revolucionário, torna-se a ciência que estuda as mudanças naturais das sociedades, a sucessão necessária dos sistemas sociais. Seria a ciência do social, a sociologia, como nos diria Lavroff: "A sociologia é o estado de solidariedade humana e das fases diversas porque passou o homem encaminhando-se para o fim coletivista."<sup>12</sup>

Contudo, o conceito de mudança social centrado na idéia da evolução darwinista-comtista tem um incômodo que salta aos olhos: a concepção da luta pela existência, que na concepção original de Darwin contempla a vitória do forte sobre o fraco. Para aplicar um corretivo sobre esta "lei zoológica estúpida", como diria Carlos de Escobar, nossos socialistas tiveram que se apoiar em argumentos éticos como o "sentimento de justiça". A busca de elementos externos ao evolucionismo científico denota a dificuldade de encaixar as peças do darwinismo social

<sup>11</sup> Manifesto do Partido Democrático Socialista. Trechos extraídos dos livros: *Transformismo e Socialismo*, L. Dramard, 1884; e *Teoria do Socialismo*, Oliveira Martins. *O Socialista* (SP), 20 de setembro de 1896.

<sup>12</sup> *O Socialista* (SP), 30 de agosto de 1896.

nos moldes reformistas do socialismo. Contudo, o sentimento de justiça será também produto da evolução... :

"A condição universal da evolução é a luta (...). No reino mineral, o rochedo (...) luta contra as ondas (...). No reino animal (...) é o resultado da 'luta pela vida' de que nos fala Darwin (...). Porém, no homem surgem elementos novos entre os quais a razão (...). O individualismo de hoje é filho do princípio da luta selvagem e anárquica pela vida (...). o socialismo é filho do mesmo princípio aliado à razão (...). Luta de classes o princípio da associação para a luta (...) de um lado, (e o) profundo sentimento de justiça e altruísmo (...). O primeiro origina-se das leis naturais sintetizadas na idéia de evolução, o segundo vem da razão humana (...). Esta segunda parte nos trará a própria evolução. A nós cabe apenas propagar uma nova moral positiva e científica de modo a reformar os costumes, substituindo o sentimento de solidariedade ao feroz egoísmo dominante (...)." <sup>13</sup>

A assimilação incompleta e mecânica do marxismo - a incorporação do etapismo comteano ao invés do conceito de modo de produção; da luta pela existência de Darwin ao invés da luta de classes; em resumo, a incorporação da lei da evolução e não da dialética marxista -, a incapacidade de compreender dialeticamente o processo de mudança social empurra os socialistas para uma visão ética que os aproxima de Benoit Malon. Seu socialismo é científico e não marxista, porque só com o auxílio do método científico os problemas sociais podem ser verdadeiramente conhecidos e resolvidos e, em consequência deste, demonstra que o socialismo não é apenas uma crítica romântica da sociedade burguesa e sim uma necessidade natural do progresso da civilização humana.

A incorporação da ciência levou o socialismo para dentro do

<sup>13</sup> *O Socialista* (SP), 8 de novembro de 1896.

turbilhão da modernidade; se o socialismo não puder comprovar cientificamente sua necessidade não sobrevive um minuto sequer. O socialismo dos modernos é, assim, uma ruptura com o passado de revoltas e da crítica moral da sociedade burguesa; o socialismo dos antigos foi suplantado pela ciência dos modernos.

Se o socialismo sempre existiu, desde as épocas remotas da sociedade - a eterna luta dos pobres contra os ricos, segundo Estevão Estrella<sup>14</sup> - só agora, porém, abandonou seu caráter romântico e utópico.

Este socialismo dos modernos tem como características básicas a inversão de seus objetivos: não mais concentrados na questão moral, na utopia da volta às comunidades antigas, na construção de sociedades ideais; e sim a subordinação de seus objetivos aos critérios científicos, a observação e a investigação que demonstrariam a prevalência dos aspectos econômicos e sociais sobre os políticos, deixando de lado os aspectos voluntaristas e revolucionários; o socialismo moderno crê firmemente na idéia da reforma, aliás, produto inevitável da evolução progressiva da humanidade.

O socialismo dos modernos é produto do progresso e caminha com ele, quer colocar todo o produto do avanço da ciência e da técnica sobre as mãos dos produtores. Assim resume o social-democrata Winiger a visão dos modernos:

"Falando do socialismo alemão não trato de um assunto nacional, pois o socialismo alemão é atualmente o socialismo moderno, internacional, universal, (...). O socialismo de Marx e

<sup>14</sup> Estrella - que usava o pseudônimo "Marx" - numa série de artigos do jornal *El Grito del Pueblo*, que tinham por título "Contrastes", procura acompanhar a história do socialismo desde os tempos antigos, fazendo uma curiosa gênese das idéias comunistas, desde os antigos cristãos. Assim, recria a figura de um Cristo "socialista", discípulo de Platão e Zenon, o Cristo autor desta frase: "Povo, há de saber que o criado é o mesmo que seu amo! Levanta-te." In: *El Grito del Pueblo* (SP), 21 de outubro de 1899.

Engels é atualmente tanto o socialismo de Malon e de Jaurés, de Perri e de De Amicis, de Iglesias e França e Silva, como o de Bebel e Liebknecht. (...) O socialismo, no sentido geral, como aspiração para a igualdade de todos os seres humanos, é tão antigo como a humanidade mesmo. Este socialismo se encontra nos filósofos antigos, na Bíblia e no Talmud, nos escolásticos e revolucionários da Grande Revolução Francesa até os anos de 42 e 48 de nosso século. Mas, entre este socialismo antigo e o socialismo moderno, existe uma diferença essencial. O socialismo antigo era primitivo e filosófico, o socialismo moderno é uma ciência real, um cálculo com os objetivos positivos. O socialismo, por não encontrar a desejada igualdade entre os homens, declarava toda a história humana como caminho errado, errar contínuo, e achava a solução da questão social, só na volta para trás no estado primitivo da sociedade. O socialismo moderno, científico, considera a história humana como uma cadeia de progressos lentos, mas contínuos, com o fim de criar a liberdade individual. (...) Para resolver este problema social, o socialismo moderno, é o socialismo alemão. Ele tem apenas uma história de meio século, isto é, desde o ano de 1848 (...)."<sup>15</sup>

É fundamental o papel de Marx na criação deste socialismo moderno, pois é com a publicação do *Manifesto Comunista*, em 1848, que se inicia a sua história. Subordinando os fatos à ciência, Marx comprovou a importância dos fatos econômicos, subordinando os fatores morais a esses. Com a publicação de *O Capital* desnuda-se cientificamente o caráter opressor da sociedade burguesa, através da apropriação privada dos meios de produção. Assim, demonstra-se que o socialismo começa com a análise econômica, com a análise da mercadoria:

"Reconhecendo que a verdade está ao lado do maior economista

<sup>15</sup> Conferência de Joseph Winiger (redator do *Germany*), no Centro Socialista de São Paulo, em 19 de janeiro de 1896. *O Socialista* (SP), 26 de janeiro de 1896.

do século - Karl Marx - que resolveu problema econômico na sua monumental obra *Le Capital* dando-lhe uma base científica e indestrutível pela socialização do trabalho e divisão procada dos produtos do mesmo trabalho, sustenta-nos, pois, "in totum", toda a concepção do ilustrado mestre quando ele afirma: A análise da mercadoria, forma elementar da riqueza, será por consequência o ponto de partida de nossas pesquisas, por estarmos mais que convencidos que todos os males e iniquidades sociais provém exclusivamente da questão econômica, em torno do qual giram a engrenagem social em todas as suas ramificações. (...) RICARDO".<sup>16</sup>

Contudo, não se credita a Marx, exclusivamente, as glórias de ter dado ao socialismo internacional o caráter científico; esse é o produto do socialismo alemão, é o produto de uma plêiade de pensadores:

"(...) Lassalle, Jaquetzow, este aliás tão ingratamente esquecido, iniciaram-no, Karl Marx deu-lhes a base eterna no terreno econômico. (...) Cada vez mais consciente, à medida dos progressos da ciência, a teoria socialista viu na sociedade um organismo (Schaeffle) proclamou para as revoluções a necessidade indispensável do concurso das forças sentimentais (Benoit Malon) (...)."<sup>17</sup>

Esse é o socialismo eclético, o socialismo que progressivamente se desprende de sua matriz utópica e/ou comunista através da incorporação do cientificismo dominante no final do século, e a complicada absorção de elementos marxistas ao seu discurso. Contudo, o marxismo tem uma longa estrada a trilhar antes que Kautsky, Engels e a social-democracia alemã consigam promover o marxismo a sinônimo de teoria socialista, a determinar o marxismo como teoria auto-suficiente para compreender a sociedade humana como um todo, e não apenas como uma teoria parcial

<sup>16</sup> *O Socialista* (SP), 5 de junho de 1898.

<sup>17</sup> *O Socialista* (SP), 26 de junho de 1898.

e incompleta.

No socialismo eclético, entre os utópicos e o marxismo, convivem as mais variadas tendências reformistas; desde visões liberais de Spencer, Darwin, Stuart Mill, até visões conservadoras como Rodbertus (Jagetzow), Schaeffle, passando por diversas influências coletivistas, como Lassalle, Malon, Proudhon, Blanqui, etc.

Neste período as "etiquetas" - marxismo, integralismo, possibilismo, bakuninismo - ainda são consideradas divisões negativas para o movimento socialista<sup>18</sup>. Nossos socialistas são democratas e pluralistas, portanto, acreditam na convivência pacífica das diversas correntes socialistas, acreditando que o caráter coletivo da criação do socialismo científico demonstra ser:

"(...) impossível ter alguém noção clara, positiva, científica, do socialismo, tendo este ou aquele livro de um ou de outro escritor que estuda a questão social, paradoxalmente, como por exemplo, sob o ponto de vista do Capital (Marx), do coletivismo industrial (Malon), etc. Para saber o que é o socialismo é hoje necessário: 1) Conhecer a evolução histórica, subordinando os fatos ao método científico, isto é, a observação, à experiência, as leis naturais que presidem ao desenvolvimento social. 2) Conhecer os escritores que hodiernamente têm tratado do assunto, e nesse número estão, além dos acima citados, Stuart Mill e Herbert Spencer, que preconizavam particularmente o socialismo agrário de Henry George."<sup>19</sup>

<sup>18</sup> Como nos mostra Haupt, no período que se estende até a II Internacional, as "etiquetas" são usadas de maneira a acusar os adversários; assim, "marxistas" foi o termo criado por adversários de Marx, para acusar os seus seguidores de fanáticos de uma seita, e vice-versa. Os termos só adquirem conotação positiva com o advento da II Internacional e a ascensão do marxismo como ideologia dominante em seu seio. Cf. Haupt, "Marx e o Marxismo", in: E.Hobsbawm, *op.cit.*, vol.I, pp. 349 e seguintes.

<sup>19</sup> *O Socialista* (SP), 6 de setembro de 1896.

Já vimos que era o "Marx teórico" que influenciava nossos socialistas. Suas idéias sobre a ação política propriamente dita eram ignoradas em favor de um gradualismo que correspondia à prática do SPD, as teorias de Lassalle e Kautsky e da ala reformista - a dominante do partido.

Outro fator que indispôs nossos socialistas com o marxismo é a presunção de que o socialismo de Marx é uma visão parcial da sociedade - "sob o ponto de vista do Capital"- desprezando fatores fundamentais como a ética e a justiça.

No entanto, Marx já é o autor socialista mais constante no discurso socialista deste período. Praticamente não citado pelos socialistas do período anterior no Rio de Janeiro - estes, como já vimos, mais influenciados pelo pensamento utópico -, adquire uma importância significativa após 1895, passando a ser o autor mais citado, e expressões como luta de classes, materialismo histórico, determinismo econômico, super-valor (mais-valia), se tomam correntes.

A tentativa de definir o que seria o marxismo submerso neste complexo caldo cultural de final de século é uma tarefa muito arriscada, já que o próprio socialismo eclético tem como um dos seus pilares uma interpretação evolucionista do marxismo.

Andreucci procura dar-nos uma resposta destacando, contudo, a dificuldade da tarefa:

"Do ponto de vista do conteúdo, não há dúvida que é. O marxismo apresenta-se com características muito próprias, diferentes e originais, ele é o *socialismo científico*, distingue-se pela triade doutrinária de que se compõe, constituída pela luta de classes, pela concepção materialista da história e pela teoria do valor. Mas esta distinção, que pode ser feita no terreno da fisionomia doutrinária, não é tão fácil no terreno da difusão, da expansão geográfica do marxismo. De fato, o marxismo trilha estradas habitadas por muitas idéias, com as quais se choca ou

se combina, em um quadro marcado por relações extremamente complexas."<sup>20</sup>

Os grupos, ou os militantes individualmente, têm vários graus de aproximação com o marxismo; contudo, é extremamente difícil separar o marxismo do socialismo eclético, pois na realidade ambos são o socialismo científico. O que se encontra no Brasil são pessoas ou grupos que professam maior ou menor fidelidade às idéias de Marx e que se distanciam ou se aproximam mais das outras correntes socialistas.

Tanto isso é verdade que, naquele momento, já existiam grupos socialistas que tinham uma aproximação muito grande com o marxismo, podendo inclusive ser classificados como marxistas, se acatarmos as indicações de Andreucci. Além dos alemães da *Allgemeiner Arbeiterverein* - que, contudo, são mais lassalleanos que marxistas - o grupo do Centro Socialista de Santos - Silvério Fontes, Carlos de Escobar e Soter de Araújo - é o grupo que mais se aproxima do marxismo neste período.

Vejamus como este grupo define sua própria filiação. Silvério Fontes ao destacar o pioneirismo de sua propaganda, revela sua fonte inspiradora: "(...) o Centro Socialista sente-se satisfeito de ter iniciado, entre nós, a propaganda da doutrina reformadora, estribando-se na trilogia marxista: interpretação materialista da história, determinismo econômico e luta de classes."<sup>21</sup> Em outra ocasião revelam que "a propaganda feita pelo Centro é exatamente de acordo com as idéias do Partido Democrático Socialista Alemão (o Coletivismo Alemão)."<sup>22</sup>

Acrescenta-se a isso os artigos de Carlos de Escobar, nos jornais

*A Questão Social* ou no *O Socialista*, intitulados, respectivamente: "O Super-valor", "Os Vícios do Capitalismo", "Socialismo", onde o autor procurava explicar, em linguagem mais acessível, os principais conceitos marxistas como: a mais-valia (super-valor), a acumulação primitiva, a luta de classes, a formação do exército industrial de reserva, etc. Em outro ponto, chegam a definir sua filiação à "escola crítico-histórica de Liebknecht e Bebel, do socialismo científico e de Karl Marx."<sup>23</sup> A partir dessa definição poderíamos concordar com Astrojildo Pereira, que definiu Silvério Fontes como o primeiro marxista brasileiro<sup>24</sup>. Esta classificação aponta para algumas dificuldades: a primeira é que os socialistas de Santos nunca se dizem marxistas. Mais do que filiados ao marxismo, eles parecem filiados ao socialismo científico e ao socialismo alemão. Eles dizem que o socialismo é "o resultado do estudo de uma plêiade de pensadores no qual o *primus inter pares* é Karl Marx"<sup>25</sup>. Marx é colocado um pouco à frente de seus pares, não os superando. Em outra passagem - numa palestra de Silvério Fontes no Centro Socialista de São Paulo - o embaralhamento com o socialismo eclético é mais visível:

"(...) sua concepção a respeito do socialismo é resultado do estudo das leis da evolução em suas múltiplas manifestações. A história da humanidade que já é explicada ao influxo do método científico, positivo, libertando-se do 'livre arbitrio' e da providência divina, deu em resultado o 'determinismo econômico', devido ao gênio de Karl Marx. As condições econômicas são incontestavelmente a base da moral, da jurisprudência e da política. Esta é a conclusão lógica a que

<sup>23</sup> *A Questão Social*, 15 de outubro de 1895.

<sup>24</sup> Astrojildo Pereira, "Silvério Fontes, Pioneiro do Marxismo no Brasil", *Estudos Sociais*, Rio de Janeiro, n°12, 1962.

<sup>25</sup> *A Questão Social*, n°1, 1895.

<sup>20</sup> F. Andreucci, *op.cit.*, pp. 34-35.

<sup>21</sup> *A Questão Social*, 1 de julho de 1896.

<sup>22</sup> *A Questão Social*, 1 de maio de 1896.

chegaram as mais seguras indagações da geologia, biologia e da sociologia. Dominados por esta orientação os filósofos do direito e os sociólogos hão de determinar a verdadeira natureza e funções do Estado. Darwin, Spencer, Comte e Marx são as estrelas de primeira grandeza que iluminaram o século XIX e provocaram, por meio da ciência positiva, uma profunda revolução que se estende também à economia política.(...)"<sup>26</sup>

Na realidade, é este o socialismo do final do século XIX, ou talvez, o marxismo da última década do século. Parece-nos que o marxismo faz parte deste caldo cultural positivista e evolucionista e, mais do que romper com a tradição anterior, combina-se a ela, e é desta forma que ele vai sendo traduzido nos meios operários.

O socialismo é a incorporação parcial do marxismo, e a adesão incondicional às idéias evolucionistas de Darwin, como vimos; também criou a necessidade da incorporação das concepções integralistas de Benoit Malon.

Malon tem uma importância para nossos socialistas, desproporcional à sua real importância histórica. Malon é colocado muitas vezes num nível hierárquico semelhante a Marx e Engels. O Centro Socialista de Santos inaugura em seu salão o retrato dos "chefes" Karl Marx, Frederich Engels e Benoit Malon<sup>27</sup>, cerimônia repetida na comemoração do primeiro de maio de 1903 e na sede do Partido Socialista de Santo Antônio de Jesus (BA), onde o nome de Malon estava ao lado de Marx, junto com a frase "Proletários de todos os países, uni-vos!" nas faixas que adornavam sua sede.<sup>28</sup>

Sua importância é desproporcional pois, mesmo em seu país, a

<sup>26</sup> *O Socialista* (SP), 14 de outubro de 1896.

<sup>27</sup> *A Questão Social*, 1º de maio de 1896.

<sup>28</sup> F. Foot Hardmann e V. Leonardi, *História da Indústria e do Trabalho no Brasil: Das Origens aos Anos Vinte* Rio de Janeiro: Global, 1982.

França, a influência de Malon foi pequena; na realidade em apenas três países o integralismo de Malon teve grande difusão: na Itália, onde morou por alguns anos depois do exílio forçado com a derrota da Comuna de Paris, redigindo vários jornais e escrevendo alguns livros, em Portugal, onde suas idéias foram divulgadas por Magalhães Lima, influente socialista português, também muito citado no Brasil, e na Argentina divulgado por José Ingenieros, contudo, sem muita penetração.<sup>29</sup>

Vejamos, através de uma carta de Malon a Magalhães Lima, um resumo de suas principais idéias:

"(...) Para os marxistas ortodoxos, a história, não sendo senão uma perpétua manifestação da guerra de classes, e sendo a revolução social exclusivamente determinada pelos fenômenos econômicos, o socialismo contemporâneo encerra-se todo nas reivindicações do proletariado moderno. Em compensação outros, e o número deles vai crescendo sempre, pensam que se a luta de classes domina a história, não a enche completamente, recusando-se por isso a encerrar toda a vida social na conduta do progresso econômico. Segundo esses socialistas integralistas, no grau de civilização a que chegamos, os fenômenos morais atuam um sobre os outros e cruzam-se, para entrar ou favorecer o desenvolvimento progressivo das nações civilizadas. Convém, pois, para apressar o triunfo da civilização socialista, não limitar a questão apenas aos interesses do proletariado, mas também fazer apelo a todas as forças sentimentais, estéticas e morais da alma humana. Os socialistas, que admitem também a correlação entre a evolução econômica e a evolução moral, tem por princípio tomar parte em todas as obras e em todos os grandes combates, cujo fim é o melhoramento moral e social das condições humanas. (...) citando *Le Socialisme Integral*: 'A

<sup>29</sup> C. Batalha, "O Socialismo no Brasil na Época da II Internacional: uma revisão de algumas interpretações correntes", XV Encontro da ANPOCS, Caxambu, MG, 15-18 de outubro de 1991.(mimeo)

heterodoxia dos socialistas que, a falta de um termo mais adequado, nós chamaremos integralistas, não tem o caráter de negação radical em face do socialismo realista, aceitam os dados gerais mas para eles não é exato que a sociedade política seja reflexo da sociedade econômica, os fenômenos religiosos, políticos e econômicos atuam uns sobre os outros e entrecruzam-se para determinar o movimento das nações, tendo sido o predomínio restante adquirido pelos fenômenos econômicos que foram, no decorrer das civilizações, os únicos propulsores mas que têm uma importância decrescente. Este fato não escapou a Buckle, o autor materialista da *História da Civilização da Inglaterra* quando notou a influência crescente das leis mentais, como o sinal característico da marcha da civilização'. (...) <sup>30</sup>

Aqui temos as principais características do pensamento de Malon, ou seja, o socialismo como atividade policlassista e não exclusivamente operária; a recusa ao predomínio das forças econômicas, pleiteando-se uma teoria onde os fatores religiosos, políticos e morais têm o mesmo peso dos econômicos e se influenciam mutuamente; e a minimização do conceito de luta de classes.

As concepções éticas de Malon casam-se bem com a experiência vivida pelos nossos socialistas e com sua leitura de uma sociedade onde as classes populares e o trabalho encontram-se aviltados pela chaga do trabalho escravo, mesmo e inclusive, após a abolição. Também é importante entender que as primeiras críticas ao desvirtuamento dos ideais da República pelo republicanismo governante centra-se na corrupção destes, crítica moral portanto, de um regime que mantém os privilégios do finado Império. Assim, não cabe neste momento a idéia de que o Estado republicano é um Estado burguês.

Portanto, a mudança dos costumes é a tarefa primordial dos

<sup>30</sup> *O Socialista* (SP), 1º de maio de 1897.

socialistas. Assim diria Carlos de Escobar: "(...) A revolta, por um golpe de Estado, não trará ao obreiro, saído da escravidão, os hábitos de moralidade necessários ao regime socialista. Não somos revolucionários. Somos reformistas. (...) "<sup>31</sup>

A "regeneração do trabalho", é a elevação da classe trabalhadora ao centro da luta política, é a participação do "quarto estado" na gerência dos destinos da nação.

Assim, o proletariado vem para regenerar a nação, "manchada pela mácula da escravidão", mas ele próprio precisa ser recuperado do pântano em que se afundou o país, e combater a degeneração do governo republicano, que caiu sob os mesmos vícios da Monarquia - o egoísmo, a corrupção, o favorecimento. Regenerar a República, a ultrapassada República Política que deve ser reformada pela República Social. Este deve ser o papel do proletariado, mas também o das pessoas de bem, também o dos velhos republicanos insatisfeitos pela República. Daí a idéia policlassista de Malon ser bem aceita pelos nossos socialistas, que não negam o caráter decisivo do proletariado, mas entendem ser do interesse de todas as classes a vitória do ideal socialista: a reforma gradual da sociedade, a educação dos trabalhadores, a reforma dos costumes, a substituição do egoísmo vigente pelo altruísmo socialista:

"(...) no desenvolvimento da nova instituição corresponderão, no domínio político, a República Social como tendência cada vez mais acentuada a substituir o governo reacionário dos homens pela administração consciente das coisas, na esfera ética, o ego-altruísmo de Spencer. Períodos todos de transição (...). República Política, individualismo, egoísmo, presentes serão em breve substituídos pela República Social, pelo coletivismo, pelo ego-altruísmo, e depois, segundo os princípios gerais de sucessão de fenômenos de que o movimento científico

<sup>31</sup> *A Questão Social*, nº1, 1895.

contemporâneo autoriza a precisão, pelo anarquismo, comunismo e altruísmo (...) as tentativas revolucionárias abortam geralmente, quando constituições preparatórias não amparam-nas convenientemente bem (...)."32

A regeneração do proletariado é a pré-condição essencial para a regeneração da República. Assim compreendemos sua adesão ao coletivismo (fase inicial da revolução socialista, ou seja, "a cada um segundo seu trabalho", que seria posteriormente seguida pelo comunismo, "a cada um segundo suas necessidades") base de uma sociedade cuja ideologia central é o trabalho. Sua adesão ao coletivismo reformista se compreende por dois aspectos: o primeiro é o caráter gradualista dessa formulação, o degrau inicial da sociedade socialista, característica natural de sua concepção reformista e evolucionista de mudança social; segundo, sua concepção de redenção da sociedade brasileira através da regeneração dos costumes, pois o coletivismo é uma ideologia pré-marxista, carregada pela visão de mundo dos artesãos, de uma sociedade centrada na associação dos trabalhadores, formando cooperativas de produção, de consumo e de financiamento. A moeda central é o trabalho, e a distinção social deve ser legitimada apenas pelo trabalho.

A única possibilidade de regeneração desta República que "traíu seus ideais", não é mais a volta aos ideais de "fraternidade, igualdade e liberdade" que a impulsionaram. Estes ideais estão ultrapassados pela difusão do individualismo burguês, do capitalismo em nossas terras. Os "ideais de 1789", que impulsionaram a República de 1889, se extinguíram com a mudança da base econômica. O desenvolvimento do capitalismo trouxe a necessidade de que às mudanças políticas fossem acrescentadas as mudanças sociais.

32 *A Questão Social*, 1º de julho de 1896.

O socialismo é, assim, a complementação natural da revolução republicana, e é nesse caminho que devem seguir os governos republicanos se quiserem seguir o caminho indicado pela ciência:

"O governo republicano tem procurado inspirar-se nesta grande verdade prescindida por Montesquieu e Condorcet e claramente compreendida e enunciada por August Comte: deve-se fazer da política uma ciência da observação (...). A política tem hoje por objeto fazer caminhar a espécie humana que se move por impulso própria, esclarecendo-a e evitando as revoluções violentas, motivadas pela oposição insensata dos governos. O primeiro dever dos estadistas é reconhecer a tendência da civilização e não proceder em desacordo com ela. Cumpre pois escolher com simpatia e até com aplausos todos os movimentos sociais ou políticos que se fundam em fatos teoricamente demonstrados. (...) Terá de reconhecer igualmente que, hoje, todos os homens de ciência se voltam para o socialismo, por isso que estão por demais cansados das lutas estéreis da metafísica revolucionária, lutas que só servem para sacrificar milhares de vidas a qualquer caudilho ou qualquer monarca desprestigiado. (...) Combater o socialismo é, portanto, combater a civilização. E não podemos admitir que os governos da República, que tão medrosos se têm revelado a respeito da restauração, pretendam se opor à República Social, democrática, e ao socialismo. Os nossos correligionários podem ficar tranquilos."33

O socialismo não só é a resposta natural do progresso da sociedade brasileira, mas é a única forma de combater o reacionarismo dos saudosistas do Império. Por isso, também, é a única forma de salvar a República ao colocá-la no rumo das transformações econômicas. O socialismo não só é a continuação natural da República, como também é inevitável. As convulsões por que passou a República são resultado

33 *O Socialista* (SP), 8 de novembro de 1896.

desta inadequação da ordem política à ordem econômica.

A concepção reformista de nossos socialistas deve ser entendida não apenas pelo contexto internacional - o predomínio do reformismo no seio da II Internacional - nem pela sua opção ideológica influenciada pelo darwinismo, mas principalmente pela carga negativa que a idéia revolucionária adquiriria neste momento. Revolução era associada com a prática anarquista (que, segundo a sua concepção de socialismo científico, representava a fase utópica-romântica do socialismo) por eles estigmatizada como irracional, e também com o reacionarismo dos monarquistas e a tentativa sempre presente da restauração, o que significa que qualquer propaganda de ação violenta era logo associada a um golpe monarquista, risco que não podiam correr. Afinal, eles eram republicanos, e acreditavam poder ainda contar com os antigos correligionários, mesmo aqueles encastelados no governo. Sua concepção de revolução é, portanto, essencialmente negativa:

"(...)Toda e qualquer ação política é seguida de um efeito real e durável, quando se exerce no mesmo sentido que a força da civilização, mas é nula ou pelo menos, efêmera, em qualquer outra hipótese.(...) Por isso, sob o ponto de vista político, a nossa modesta folha há de se colocar sempre ao lado daqueles que derem provas de conhecer a marcha da civilização e de estarem dispostos a pôr em prática as reformas necessárias para melhorar as condições de nosso país. Não é possível que subsista por muito tempo esta indecisão por parte do governo e o mal estar que vai se implantando a descrença no ânimo popular.(...)"<sup>34</sup>

Assim, conclui-se que:

"Firmada no espírito a idéia de que a sociedade é um fato natural e os fenômenos sociais como outros quaisquer, são

regidos por leis naturais, imutáveis, sobranceiras à vontade caprichosa deste ou daquele indivíduo - *ipso facto* fica igualmente estabelecido que a reorganização da sociedade, se não pode ser impedida pelos burgueses retrógrados, energúmenos, também não pode obedecer à fantasia revolucionária dos sonhadores.(...)"<sup>35</sup>

As reformas devem vir porque a mudança da base econômica da sociedade já aponta - segundo indica o método científico - um descompasso entre essa e a estrutura sócio-política, e as revoluções advém justamente quando surge este descompasso. A mudança social é inevitável, pois a mudança é a característica básica da sociedade e as reformas vão progressivamente adequando as superestruturas às mudanças estruturais. Quando governos reacionários se interpõem a estas mudanças, uma época de conflitos, de sangue e violência se avizinha. Cabe aos socialistas providenciar, ou apoiar as mudanças autorizadas pela evolução.

A revolução quando explode é aceita como uma necessidade - ou fatalidade - quando se obstruem os caminhos rumo ao progresso. Contudo deve ser evitada, pois os mais atingidos pelos seus horrores são justamente os trabalhadores. A atuação socialista deve, então, ser no sentido de desobstruir os caminhos ao progresso, e o papel da burguesia e dos governos deve ser o de se submeter aos ditames da ciência pois, caso contrário, prepararão inevitavelmente o caminho para a revolução.

A burguesia reacionária e os governos conservadores apenas podem atrasar a evolução humana, não detê-la. Os socialistas devem aplicar a ciência aos procedimentos políticos, pois os golpes e as revoluções não trarão a sociedade socialista. Eles podem reduzir o prazo do advento do socialismo através das reformas, e só através delas.

A estratégia de nossos socialistas, portanto, dá-se em duas frentes:

<sup>34</sup> O Socialista (SP), 22 de maio de 1898.

<sup>35</sup> O Socialista (SP), 29 de maio de 1898.

uma que eleve o proletariado ao nível de seus colegas europeus, uma tarefa pedagógica e de reforma dos costumes; e outra de reformas políticas que recoloque o país na trilha iniciada em 1889. Atuação política e pedagógica, portanto, não se refere apenas ao proletariado, mas à nação como um todo. Senão vejamos os programas do Centro Socialista de Santos e o de São Paulo:

"Programa do Centro Socialista de Santos: (...) Art. 4º - Fica à diretoria o dever de instituir conferências de propaganda, organizar biblioteca, fundar revista, e criar escolas para o operário; Art. 5º - A diretoria providenciará no sentido de serem organizadas cooperativas que melhorem a vida da classe proletária; Art. 6º - O Centro organizará um partido que conquiste, por meio das urnas, as reformas na legislação municipal, estadual e federal, necessárias ao progresso da coletividade.(...)"<sup>36</sup>

"Programa do Centro Socialista (de São Paulo): Emancipação do Proletariado: 1) Fazer com que os operários exerçam cargos de eleição popular: nas Câmaras municipais, no Congresso Estadual, no Congresso Federal; 2) Prover para que as funções do Estado se reduzam, pouco a pouco, a manter a ordem respeitando as liberdades individuais; 3) defender a causa da instrução popular (...); 6) Instituir tribunais arbitrais, constituídos por patrões e operários (...); 13) Propugnar pela representação das minorias(...); 19) Constituir um partido autônomo que não apóie nenhum governo que para conservar-se no poder seja obrigado a suprimir as garantias da liberdade individual."

"Regimento Interno do Centro Socialista: Art. 19º - Em casos de greve, à Comissão Executiva compete tomar as providências necessárias para abafá-las quando, a juízo da comissão, forem

<sup>36</sup> A *Questão Social*, n° 1, 1895.

injustas ou precipitadas, ou prestar todo apoio aos grevistas quando forem razoáveis.(...)"<sup>37</sup>

A idéia dos Tribunais Arbitrais foi acatada nos Congressos da Internacional Socialista e acolhida com satisfação pelos socialistas, zelosos em manter o proletariado protegido dos embates prematuros com a burguesia.

Contudo, o item mais marcante da cultura política dos socialistas é a radical e intransigente defesa da democracia - seqüência quase natural de seu reformismo, mas também herança direta de seu radicalismo republicano. Dos grupos que almejam falar ao povo, que carregam a bandeira da República, os socialistas são os únicos a carregar um programa democrático radical. Mesmo nas alas mais radicais e populares do republicanismo, como a ala de Silva Jardim, a defesa de uma ditadura "popular" ou positivista era mais atraente que a defesa da democracia. Mais à esquerda, é conhecida a ferrenha crítica anarquista à democracia parlamentar. O republicanismo no poder usa a democracia como um escudo contra as pretensões restauracionistas; porém, sua democracia é apenas formal, servindo na realidade apenas de fachada para encobrir as violentas lutas entre os grupos rivais pela posse do poder. Legitimada a disputa pelo poder em nome da "vontade popular", se acrescentava o fato de se evitar a erupção de forças alternativas às elites em disputa.

Defendendo as regras do jogo, os socialistas incorporam a essência do jogo democrático - o respeito à diferença. Se a verdadeira democracia é a defesa daqueles que pensam diferente de nós, os socialistas - republicanos de primeira hora - não se seduzem pelo radicalismo dos jacobinos republicanos. A onda de paixão republicana que produziu o nacionalismo xenófobo contra os portugueses, e que

<sup>37</sup> O *Socialista* (SP), 26 de janeiro de 1896.

produziu a perseguição a monarquistas e o empastelamento de seus jornais, foi acompanhado de uma apaixonada defesa do pluralismo e da democracia, pois, afinal, elas são a essência da República: não há República sem a livre expressão de idéias. Assim foi a sua defesa contra o empastelamento do jornal monarquista *Comércio de São Paulo*:

"Não protestamos em nome do socialismo, mas sim, em nome da Constituição do Brasil. Protestamos como cidadãos em nome do artigo 72 § 12, que diz ser livre a manifestação do pensamento pela tribuna e pela imprensa. (...)"<sup>38</sup>

Socialismo é incompreensível, para eles, sem a idéia da democracia, entendida esta como garantia dos direitos inerentes ao ser humano: liberdade de imprensa, de opinião, de credo, de expressão, de ir e vir, etc.

Contudo, não os satisfaz a democracia liberal, pois defendem a democracia direta, tão freqüente quanto possível: o direito das minorias contra a arrogância da maioria, o mandato destituível, etc. Espírito democrático, incomum numa sociedade permeada pelo golpismo e pelo autoritarismo - mesmo por quem diz falar em nome do povo.

Não há socialismo sem democracia, e não há democracia sem a garantia das liberdades. Contra seus próprios amigos republicanos que se ofendem com os ásperos artigos de Carlos de Escobar, vociferando contra a sociedade burguesa que se instalou no Brasil, o jornal reafirma sua posição intransigente:

"Convençam-se os que têm a pretensão de ver restringir a liberdade de pensamento, de que ela só pode ser limitada pela

própria liberdade.(...)"<sup>39</sup>

Certos historiadores tendem a confundi-los com os jacobinos. Nada mais enganoso, pois além de serem radicalmente democráticos, como vimos, são visceralmente internacionalistas. São também nacionalistas, mas, de maneira não chauvinista e não xenófoba, pois para eles - assim como também para os revolucionários franceses de 1789 - não havia uma contradição insuperável entre estes dois termos. Seu conceito de pátria não exclui o internacionalismo, ao contrário integra-o num conceito de federalismo mundial. São assim federalistas, mas levam este conceito às últimas conseqüências, unindo uma visão republicana radical ao internacionalismo socialista para propor uma visão radical de federalismo, a começar pelos próprios países, unidos de baixo para cima por uma federação de comunas. O federalismo agruparia os países em federações continentais, intercontinentais e, por que não, interplanetária!<sup>40</sup>

Seu conceito de pátria define-se fora de qualquer critério étnico, pois o único critério para definir uma nação seria o compromisso de seus cidadãos de conviverem harmoniosamente entre si. Para eles só pode haver uma pátria para os trabalhadores, a pátria socialista, pois a pátria dos burgueses - a dos jacobinos instalada em 1889 - não pode ser também a pátria dos proletários:

"Analisemos bem este conceito, os povos livres, que vivem em comunidade, onde os indivíduos são iguais em direitos e deveres, onde a terra pertence a todos, onde não se conhece chefes e nem proprietários, esses povos sabem dar boa prova de amor à pátria quando lutam contra alguns de seus que pretendem erigir-se em senhores. Os povos ou as classes

<sup>39</sup> *O Socialista* (SP), 20 de dezembro de 1896.

<sup>40</sup> *A Questão Social*, 15 de janeiro de 1896.

<sup>38</sup> *O Socialista* (SP), 8 de março de 1897.

chamadas inferiores não têm pátria, e devem, por conseguinte, lutar para conquistá-la, isto é, destruir as instituições que sancionam a sua escravidão, em uma palavra, devem rebelar-se contra a pátria de seus dominadores para fundar a pátria dos proletários.(...) A pátria não está formada pelo território (...). Não está também formada pela raça (...). A necessidade de apelar à disciplina, à estratégia militar, aos conselhos de guerra e aos fuzilamentos, não é amor à pátria, não é o coração do homem que fala nesse caso. Em tal caso, o que impera é o medo, é a covardia, é a inconsciência."<sup>41</sup>

Assim, o exército, as guerras, o militarismo só existem porque as pátrias são propriedade privada do capital. Cabe aos proletários transformarem as pátrias em propriedade coletiva do trabalho e assim se verá o fim das guerras e do divisionismo dos povos em nações sempre rivais e competidoras no grande mercado planetário.

O compromisso com a conclusão da tarefa iniciada pela República não pode ser compreendida de maneira parcial. A eliminação do individualismo, do egoísmo, da opressão, da ignorância e do autoritarismo não deve ser apenas entendida na relação patrão-empregado, mas sim na relação Estado-sociedade civil, na relação das nações entre si, e também na relação homem-mulher. O projeto de nossos socialistas passa pela recriação da República, da Nação e do povo brasileiro, tarefa que ultrapassava os limites da República e só poderia ser cumprida pelo socialismo.

---

<sup>41</sup> *O Socialista* (SP), 8 de março de 1897.